

TRAVESSIA – IDENTIDADE EM RESGATE PELOS CAMINHOS REESCRITOS DA MEMÓRIA EM O OUTRO PÉ DA SEREIA, DE MIA COUTO

NOALCA SENIW RIBEIRO*

* Universidade Federal de Juiz de Fora
– UFJF.

N

Resumo

o romance *O outro pé da sereia* (2006), do escritor moçambicano Mia Couto, o resgate e a afirmação da identidade se efetivam a partir de viagens e travessias empreendidas pelos personagens. Tais deslocamentos não são apenas físicos, mas viagens de regresso ao interior de si mesmo. O “atravessar fronteiras interiores” implica em enfrentar medos e desnudar memórias que o esquecimento – enquanto estratégia de sobrevivência à dor e à humilhação gerados pela escravidão – apagou quase completamente. O retorno ao passado, assim, se faz pelos caminhos da memória (particular e coletiva), lacunar às vezes e que, por essa razão, faz-se necessário reescrevê-la.

Palavras-chave: Mia Couto; Literatura; Identidade: Memória; Narrativa.

Mais difícil, mesmo, é a arte de desler.

(QUINTANA, 1973, p. 281)

INTRODUÇÃO

Dar voz às minorias e valorizá-las constituem uma tendência atual dos estudos culturais e literários. Perceber como essas minorias compreendem os fenômenos cujas consequências marcantes e, por vezes, dilacerantes, foram por elas herdadas, lança luz sobre a relação desses mesmos indivíduos com a questão da identidade e o espaço que ocupam na sociedade a qual pertencem e o território no qual vivem.

É justamente por essa razão que se faz necessário desvendar a memória, reinterpretá-la a partir da ótica daqueles que são os herdeiros dos eventos da escravidão e da colonização e que se questionam a respeito de quem são de fato, como se apresentam para si mesmos e para os outros em um contexto pós-colonialista. A quebra de estereótipos e a revisão das identidades, nesse contexto histórico e literário, apresentam-se como um caminho para melhor compreender a reelaboração dos discursos identitários africanos.

DESLEITURAS

Comumente associada ao primitivo, ao selvagem e ao exótico, a África – tal qual representada no imaginário ocidental – resulta de uma visão eurocêntrica construída e difundida por um longo tempo desde o século XV quando se iniciou o processo de ocupação territorial, exploração econômica e domínio político do continente africano pelos europeus.

Ao lermos os textos europeus que retratam o Africano (o mesmo sucede, aliás, se interpretarmos ícones), mesmo os mais descritivos, temos de partir sempre do princípio de que estamos perante representações, o que é dizer, perante (re)construções do real. [...] Essa construção faz-se de acordo com as categorias culturais e mentais de quem viu, ou (e) de quem escreve [...]. A representação é, aqui, a tradução mental de uma realidade exterior que se percepcionou e que vai ser evocada — oralmente, por escrito, por um ícone — estando ausente. (HORTA, 1995, p. 189)

A representação do africano como um ser bárbaro construída, pois, a partir do contraste entre o homem europeu “civilizado” e esse “outro” tão diverso, cristalizou-se e diluiu a possibilidade de se ver o africano como o que de fato era – um ser inserido em uma civilização com avanços próprios, formada por povos distintos com culturas distintas e com particularidades sócio-econômicas. Ou seja, a negação de uma África com características próprias anterior ao processo colonialista implica na negação da identidade do homem africano anterior a esse episódio. Tal identidade, colocada em crise a partir da travessia do oceano Atlântico pelos navios negreiros – a *middle passage* – aponta para outra questão: a África que imaginamos é a África que sempre existiu? Nesse sentido, tanto o evento diaspórico como o processo colonialista contribuíram para a fragmentação dessa identidade, sendo necessário promover sua redefinição, seu resgate pela reescrita, pela desleitura da história e análise das memórias, aquelas carregadas pelos indivíduos que compõem a coletividade. A literatura se constitui, assim, como o espaço no qual ocorre essa travessia/desleitura da memória histórica, bem como a que cada indivíduo comporta. Em *O outro pé da sereia* (2006), a travessia aponta para a redefinição das identidades efetuada em movimentos em direção a um passado relegado ao esquecimento, redefinição essa que se confronta com imagens estereotipadas do homem africano.

No romance, o autor narra duas histórias separadas por mais de 400 anos de diferença e que se alternam na estrutura geral da obra. Na primeira, o leitor é levado a conhecer a história de Mwadia Malunga e de seu

marido, Zero Madzero que encontram uma imagem de Nossa Senhora, bem como um baú com ossos e manuscritos nas proximidades de Antigamente, povoado em que vivem. Mwadia recebe a tarefa de levar a imagem para Vila Longe, sua cidade natal e onde ainda vive sua família, a fim de providenciar-lhe abrigo. Nesse retorno às origens – a primeira travessia de encontro ao passado e de resgate, portanto – outros tantos personagens e suas histórias são gradativamente apresentados, tais como o barbeiro e ex-guerrilheiro Arcanjo Mistura, o empresário Casuarino Malunga, a família mista de Mwadia e, entre outros, o afroamericano Benjamin Southman e a brasileira Rosie, casal que vai para a África em busca de suas origens. A segunda história narra como a imagem de Nossa Senhora chegou a Moçambique, em 1560, trazida pelo jesuíta D. Gonzalo da Silveira, em uma nau portuguesa. Benzida pelo papa a fim de ser oferecida ao rei de Monomotapa – que corresponde atualmente ao território dos atuais Moçambique e Zimbábue –, a imagem cai nas águas do rio Mandovi. Recuperada pelo escravo Nimi Nsundi, a imagem prossegue viagem, mas acreditando se tratar de Kianda ou Nzuzu, deusa africana das águas, o escravo lhe amputa um dos pés, pois uma Kianda não possui essa parte da anatomia humana. Nsundi acreditava também que retirando os pés da imagem, a Kianda estaria livre, em sua forma natural, para retornar às águas e reencontrar o seu povo.

Ocorre nesse episódio a resignificação – isto é, a desleitura – do ícone que identifica, em um primeiro momento, a cultura do branco dominador que se sobrepõe à do dominado, minando-lhe a manifestação. Pela ótica do escravo Nsundi, a imagem constitui somente o invólucro material no qual está presa e oprimida uma das representações religiosas de seu povo – a deusa das águas – reconhecida por ele em função dos cabelos, da pele clara e da túnica azul. Para além da identificação visual entre as citadas representações religiosas, há ainda aquela que se estabelece entre o escravo, a Kianda e a imagem de Nossa Senhora. Essa identificação evidencia a igualdade de uma condição a eles imposta: Nsundi está preso a condição de escravo; Kianda, a uma condição material que não lhe é própria e a Virgem, à condição de ser, entre outros, símbolo da dominação. Somente a consciência de que essa condição é imposta – por consequência, inapropriada a qualquer ser – é que permite ao escravo Nsundi a iniciativa audaciosa de libertar a Kianda. Assim, ele tenta devolver à deusa das águas a integralidade de sua identidade, ainda que para isso tenha que “aleijar” a de Nossa Senhora.

A relação estabelecida entre Kianda e Nossa Senhora pelo escravo Nsundi faz dele um crítico de si mesmo; o reconhecimento de que “a verdadeira viagem é a que fazemos dentro de nós” (COUTO, 2006, p. 207) evidencia a consciência de uma identidade em crise que busca se redefinir pelo contraponto entre a própria cultura e a assimilada, a qual o dominado deve reelaborar por encontrar-se na situação de gente “exilada do passado, impedida de falar senão na língua dos outros, obrigada a escolher entre a sobrevivência imediata e a morte anunciada.” (COUTO, 2006, p. 260).

Não, minha amiga Dia, eu não traí as minhas crenças. Nem, como você diz, virei as costas à minha religião. A verdade é esta: os meus deuses não me pedem nenhuma religião. Pedem que eu esteja com

eles. E depois de morrer que seja um deles. Os portugueses dizem que não temos alma. Temos, eles é que não vêem (...) é essa a razão por que D. Gonçalo quer embranquecer a minha alma. Não é a nossa raça que os atrapalha: é a cor da nossa alma que eles não conseguem enxergar. (...) Critica-me por que aceitei lavar-me dos meus pecados. Os portugueses chamam isso de baptismo. Eu chamo de outra maneira. Eu digo que estou entrando na casa de Kianda (...). De todas as vezes que rezei não foi por devoção. Foi para lembrar. Porque só rezando me chegavam as lembranças de quem fui. (COUTO, 2006, p. 113)

Pela assimilação de traços culturais do outro – língua, hábitos e práticas religiosas – o escravo descobre o que ele não é e assim recupera o que lhe foi confiscado: sua ancestralidade, sua cultura, sua identidade. Só a morte o libertará da condição a ele imposta, mas não sem antes resgatar e redefinir sua identidade de homem africano.

A viagem empreendida pela nau portuguesa, no século XVI, em direção ao “misterioso” e ao “selvagem”, implica na viagem interior empreendida pelos personagens em busca de um “eu” coerente frente um mundo transformado pelas relações de dominação. A viagem de retorno à terra natal empreendida por Mwadia Malunga quase 500 anos depois, é também uma viagem de descoberta de si, de redefinição do “eu” e de aceitação. Mwadia¹ é ela própria a nau que atravessa o mar da memória transportando consigo a carga simbólica de mais de 400 anos de esquecimento. Nesse sentido, o reaparecimento da imagem de Nossa Senhora, quase quatro séculos, é o estopim que inflamará as discussões em Vila Longe sobre um passado que insiste em reaparecer de entre as névoas do esquecimento, exigindo que os personagens enfrentem suas memórias mais amargas e dolorosas, seus medos e desilusões e, sobretudo, que se questionem sobre quem são para si mesmos e para os outros.

O resgate da identidade e sua redefinição se fazem no âmbito da palavra, pois ela é o meio pelo qual se perpetua a memória, é o meio pelo qual se escreve e/ou se reescreve a história. É, portanto, pela palavra oral que os habitantes de Vila Longe reescrevem a sua história coletiva de descendentes de escravos, esquecida ao longo do tempo e oferecida aos recém-chegados Benjamin Southman e Rosie – ele, um antropólogo norte-americano; ela, uma psicóloga brasileira. Ambos pertencem a uma ONG de ajuda ao continente africano e para lá vão em busca de relatos sobre a escravidão. É nesse momento que os habitantes de Vila Longe se defrontam com o fato de que esqueceram o seu passado em comum.

- Nós também não sabemos de onde vimos, argumentou Matambira. Esse desconhecimento era mais do que uma ignorância: era uma estratégia de sobrevivência antiga, tão antiga que a memória não podia alcançar. Os antepassados de Vila Longe, todos esses que viveram junto ao rio, tinham sofrido da mesma doença. Também eles, perante a pergunta “quem são vocês”, responderiam: “nós não somos quem vocês procuram”. Tinha sido assim desde há séculos: eles eram sempre outros, mas nunca exactamente “aqueles” outros. (COUTO, 2006, p. 295)

O nome Mwadia significa “canoa”.

Se o ato de esquecer se constituiu, outrora, uma estratégia de sobrevivência, quando chegam os afro-americanos, a lógica se reverte e a estratégia, agora, passa a ser o ato de lembrar. Mas tendo sido tão felizes na prática de esquecer, os habitantes de Vila Longe se articulam a fim de forjar toda uma história sobre seus antepassados escravizados pelos portugueses:

- Mas aqui em Vila Longe, houve quem fosse levado nos navios? Eu acho que não...

- Acha? Pois vai passar a achar o contrário. Nós vamos contar uma história aos americanos. Vamos vender-lhes uma grande história.

E Casuarino mandou o seguinte: eles que se preparassem para escavar nos antigamentos e retirar de lá um antepassado agrilhado, um tetravô arrancado da terra e embarcado para além do Atlântico. (COUTO, 2006, p. 133)

Assim, os habitantes de Vila Longe forjam memórias e histórias que possam satisfazer a necessidade de Benjamim de recuperar uma África enquadrada como primitiva e selvagem; seu desejo é nada mais do que um eco de um discurso secular europeu cristalizado e legitimado ao longo do tempo. Pautado no estereótipo da Mãe África e destituído de memória pessoal em relação a um passado africano, Benjamim busca através da palavra do Outro o seu lugar de pertencimento e, após receber seu nome africano, parte em viagem África adentro, em busca da suas origens. Benjamin não percebe que a verdadeira viagem deve ser feita dentro de si e que descobrir quem se é não significa somente identificar-se com práticas, pessoas e coisas, mas perceber que esse reconhecimento, essa descoberta de si também se faz na quebra de idéias pré-estabelecidas, preconceitos, estereótipos e concepções folclorizadas. Dessa forma, a África se constitui uma referência cultural e, por conseguinte, uma referência identitária para aqueles que sabem que “a viagem termina quando encerramos as nossas fronteiras interiores” (COUTO, 2006, p. 329), quando “regressamos a nós, não a um lugar” (COUTO, 2006, p. 329).

CONCLUSÃO

Há em *O outro pé da sereia* (2006), a proposta de uma desleitura, de uma reinterpretação do que representa, do que significa, depois da diáspora e no contexto pós-colonialista, o lugar chamado África. Ocorre, também, uma revisão dos discursos identitários africanos, evidenciando que a cultura na qual se está inserido não evoca exatamente o que significa ou significou sua matriz, mas se renova e se (re)traduz constantemente nas suas origens, isto é, distingue-se da matriz, ainda que mantenha relação com ela. Isso também é possível quando se negocia o mais abertamente possível com a alteridade e suas diferenças, seus traços, suas marcas:

A questão da identificação nunca é a afirmação de uma identidade pré-dada, nunca uma profecia autocumpridora - é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao

assumir aquela imagem. A demanda da identificação - isto é, ser para um Outro - implica a representação do sujeito na ordem diferenciadora da alteridade. (BHABHA, 2001, p. 77-78)

Assim, o relevante é que a África “fornece recursos de sobrevivência hoje (...) pelo processo de tradução cultural” (HALL, 2003, p. 40-41). A revisão identitária africana em *O outro pé da sereia* (2006) se efetiva pelo viés da memória e pelo abandono de estereótipos e idéias cristalizadas. Dessa forma, é possível recuperar e redefinir o que é o africano sem que haja um critério delimitador para essa concepção. Isso significa “desler” e reinventar a África inventada pelos europeus, sendo a memória o fator que coloca em questão a identidade e que a redefine pela ótica do Outro. Assim, a identidade do sujeito pós-moderno mostra-se movediça, variável e não permanente, imutável, totalizante.

o processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático e é isso que produz o sujeito pós-moderno conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial e permanente. (HALL, 2006, p. 35)

De fato, a característica evidente das identidades no contexto pós-colonial é justamente o seu caráter não-totalizante, variável, transitivo. Ser africano ou afro-descendente nesse contexto consiste em uma negociação constante não só entre culturas, mas também entre elas e suas matrizes, entre o que foi e o que é. Esse processo de redefinição identitária dá condições ao sujeito pós-moderno de se sobrepor aos estereótipos e de se articular no contexto histórico atual.

RÉSUMÉ

Dans le roman *O outro pé da sereia* (2006), de l'écrivain mozambicain Mia Couto, la récupération et l'affirmation de l'identité sont faits à partir de voyages et de traversées effectués par les personnages. Ces déplacements ne sont pas seulement physiques, mais des voyages de retour à l'intérieur de lui-même. L'acte de “franchir les frontières intérieures” implique qu'on doit faire face aux craintes et dévoiler des souvenirs presque entièrement effacés par l'oubli – comme une stratégie de survie à la douleur et l'humiliation générées par l'esclavage. Ainsi, le retour vers le passé se rend par les chemins de la mémoire (individuelle et collective), parfois lacunaire et, par conséquence, il faut la réécrire.

Mots-clés : MiaCouto; Littérature; Identité; Mémoire; Narrative.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

COUTO, Mia. **O outro pé da sereia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HORTA, José da Silva. Entre história europeia e história africana, um objecto de charneira: as representações. In: **Actas do Colóquio Construção e ensino da história da África**. Lisboa: Linopazes, 1995.